

INDIANUS
2/5/76

Afastamento dos cientistas preocupa os missionários

Da Sucursal de
BRASÍLIA

O presidente do Instituto Anthropos do Brasil, padre José Vicente César, revelou ontem sua preocupação com a possibilidade de a decisão do governo, de afastar todos os estrangeiros que desenvolvem projetos junto a comunidades indígenas nas áreas de segurança, vir a atingir os vários missionários de outros países que trabalham nessas regiões, especialmente na Amazônia.

O padre César — que já foi presidente do Cimi, Conselho Indigenista Missionário — disse, no entanto, que é contra a entrega da chefia dos programas desenvolvidos nessas áreas a estrangeiros, embora concorde com sua participação nos trabalhos de pesquisa e assistência às comunidades tribais. Segundo o missionário, “realmente muitos estudiosos estrangeiros têm contribuído para a causa indígena, mas outros só querem criticar”.

“Em 1970 — prossegue o padre César —, depois de ter chefiado, em nome do governo brasileiro, uma missão da Cruz Vermelha Internacional que visitou diversas áreas indígenas da Amazônia, adverti as autoridades brasileiras para a necessidade de se investigar melhor os estrangeiros que deveriam ser admitidos nessas expedições. Ainda no ano passado, como presidente do Cimi, lembrei de novo que é melhor ouvir críticas de brasileiros que ter de ouvi-las depois no Exterior, com todas as repercussões negativas”.

Segundo o padre César, uma nova onda de difamações sobre a política indigenista do governo brasileiro começa a surgir na Europa. No Natal passado, a revista alemã “Weltbild” fez graves denúncias contra o governo brasileiro, envolvendo inclusive os missionários jesuítas. Uma reportagem assinada pelo casal Jurgen e Bess Regensurg — que realizou uma aventura automobilística pela América do Sul, passando por vários Estados da Amazônia — afirma que, segundo informações de missionários jesuítas de Diamantino, a política indigenista brasileira é etnocida e que, em 1970, brigadas volantes (em alemão, “Rollko-

mandos”) seguiam à frente dos grupos de trabalho, armados de metralhadoras, “matando indiscriminadamente tudo o que se mexesse atrás das árvores”. Segundo a reportagem, aldeias inteiras foram arrasadas com napalm.

“Em julho de 1964 — continua o padre — uma revista brasileira publicou fascinante reportagem ilustrada sobre os famosos alpinistas tirolezes que, depois de terem escalado o Pão de Açúcar, foram visitar os índios do Xingu. Agora, o chefe dessa expedição publicou um livro na Europa, muito diferente das oito páginas ilustradas publicadas no Brasil sobre sua aventura na selva. Seu título é “Indianer Du Musst Sterben” — índio, tu deves morrer. — e ele dá a medida do seu conteúdo. Parece que o presidente Geisel, que lê alemão, já tem o livro.”

Na opinião do ex-presidente do Cimi, 1976 será um ano difícil para a Funai. A parte a fantasia divulgada no Exterior sobre o assunto, “em julho, haverá em Brasília a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, ocasião em que o problema indígena virá a tona num palco de mais de 10 mil cientistas. Depois, em Paris, será realizado um congresso nacional de americanistas, onde certamente serão denunciados os verdadeiros erros da desastrosa política indigenista brasileira”.

ALUGUEL CASAS

SHI/SUL

SUL - CASA - Alugamos uma residência de cinco quartos e uma suite, salão de dois metros com 80m2, dois banheiros, piscina, telefone, garagem p/3 carros, dep. de empregados, jardins, dispensas, copa, etc. Tratar na EIG - Ed. Barakat - 1301/8 - Tels: 23-6767, 24-23-7551 - Creci J 650. 4 AP-12144

SHI/NORTE

SHIN QL 4/1 LAGO NORTE - SIMCO - Aluga casa com dois pavimentos, sendo o superior com living, sala, escritório, 3 quartos, 2 banheiros sociais, cozinha e área de serviço. No térreo, 1 salão, em "L", 1 banheiro social e cozinha. A casa fica em centro de terreno com pequeno pomar e ajardinada. Vista total para o lago. Tratar na Ed. Gilberto Salomão salas 801 e 802 Tels: 23-3046 e 24-3972.

QI 14/9 SHI/NORTE - 3 quartos - Aluga-se casa de 3 quartos e demais dependências. Tratar na FÁRIA IMÓVEIS - Galeria do Hotel Nacional lojas 46/7 Tel: 24-7530 Creci 15. Ext. 5ª Região.

N.BANDEIRANTE

2ª AVENIDA - NÚCLEO BANDEIRANTE - Unidades indígenas do País.

la Funai. clarecê-lo GAL.ção me Alug. fone. leixo de Dour.ígena é seu en-circular

loja c. c/72n 3886 J-647

104 km-se loja c/50n p/VITE 23-76

SCLN prime. do ampl. 9528 como de tre

INDIANS
2/5/76

Afastamento dos cientistas preocupa os missionários

Da Sucursal de
BRASÍLIA

O presidente do Instituto Antropos do Brasil, padre José Vicente César, revelou ontem sua preocupação com a possibilidade de a decisão do governo, de afastar todos os estrangeiros que desenvolvem projetos junto a comunidades indígenas nas áreas de segurança, vir a atingir os vários missionários de outros países que trabalham nessas regiões, especialmente na Amazônia.

O padre César — que já foi presidente do Cimi, Conselho Indigenista Missionário — disse, no entanto, que é contra a entrega da chefia dos programas desenvolvidos nessas áreas a estrangeiros, embora concorde com sua participação nos trabalhos de pesquisa e assistência às comunidades tribais. Segundo o missionário, “realmente muitos estudiosos estrangeiros têm contribuído para a causa indígena, mas outros só querem criticar”.

“Em 1970 — prossegue o padre César —, depois de ter chegado, em nome do governo brasileiro, uma missão da Cruz Vermelha Internacional que visitou diversas áreas indígenas da Amazônia, adverti as autoridades brasileiras para a necessidade de se investigar melhor

mandos”) seguiam à frente dos grupos de trabalho, armados de metralhadoras, “matando indiscriminadamente tudo o que se mexesse atrás das árvores”. Segundo a reportagem, aldeias inteiras foram arrasadas com napalm.

“Em julho de 1964 — continua o padre — uma revista brasileira publicou fascinante reportagem ilustrada sobre os famosos alpinistas tirolezes que, depois de terem escalado o Pão de Açúcar, foram visitar os índios do Xingu. Agora, o chefe dessa expedição publicou um livro na Europa, muito diferente das oito páginas ilustradas publicadas no Brasil sobre sua aventura na selva. Seu título é “Indianer Du Musst Sterben” — índio, tu deves morrer. — e ele dá a medida do seu conteúdo. Parece que o presidente Geisel, que lê alemão, já tem o livro.”

Na opinião do ex-presidente do Cimi, 1976 será um ano difícil para a Funai. À parte a fantasia divulgada no Exterior sobre o assunto, “em julho, haverá em Brasília a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, ocasião em que o problema indígena virá a tona num palco de mais de 10 mil cientistas. Depois, em Paris, será realizado um congresso nacional de americanistas, onde certamente serão denunciados os verdadeiros erros da desastrosa política indigenista brasileira”.

O secretário do Conselho Indigenista Missionário - Cimi -, padre Antonio Iasi Júnior, disse ontem, antes de seguir para Goiânia, onde prepara um curso de atualização dos missionários que atuam na área indígena, a ser realizado em junho próximo, que a linha de ação agressiva da entidade deve continuar, pois ela conta com apoio de leigos e religiosos, além da cúpula da igreja.

O padre acrescentou que “a Funai só trabalha em benefício dos índios quando o Cimi pisa em seu calcanhar”, lembrando que por causa da política agressiva desenvolvida pela entidade foi proibido, em novembro passado, de visitar qualquer área indígena, através de circular distribuída pela Fundação Nacional do Índio.

— A circular só contém meu nome e o de outro companheiro, mas a proibição, de maneira mais velada, estende-se a todos os integrantes do Cimi.

Jornal de Brasília
Ao julgar absurda a proibição da Funai, o secretário do Cimi diz que os 60 missionários que atuam nas prelações da Amazônia brasileira precisam manter um contato constante com os índios “para tentar chegar primeiro a eles do que os trabalhadores de estrada, procurando evitar a destruição total de sua cultura e de suas tradições”.

O vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário, padre Thomas de Aquino Lisboa, visita constantemente os índios, apesar da proibição da Funai, segundo o padre Antonio Iasi.

— Jamais a Funai vai conseguir proibir nossa atuação junto aos índios. Não há razão para isso, pois nós apenas defendemos o índio dos males cometidos pelos brancos, cada vez em maior número, nas suas terras.

Na próxima reunião do Cimi, provavelmente em Minas Gerais, abrangendo os estados do Espírito Santo e Bahia, o padre Antônio Iasi pretende

2-5-76
falar da proibição imposta pela Funai. “Tocarei no assunto só para esclarecê-lo em definitivo, não que a proibição me impeça diretamente, pois se deixo de visitar um ou outro posto indígena é apenas para não prejudicar o seu encarregado, e não por respeitar a circular da Funai”.

ESCOLAS INDÍGENAS

Para elaborar um calendário escolar indígena e montar o currículo das escolas bilíngues da Funai, encontram-se reunidos em Brasília, até o próximo dia 13 de fevereiro, 42 monitores bilíngues dos grupos Kaingang, Karajá, Guajajara e Xavante.

O I Encontro de Monitores Bilíngues, que vem sendo realizado na sede do Summer Institute of Linguistics, visa, também, proporcionar o intercâmbio de conhecimentos e o conagração entre os monitores bilíngues que atuam nas diversas comunidades indígenas do País.

INDIANS
2/5/76

Afastamento dos cientistas preocupa os missionários

Da Sucursal de
BRASÍLIA

O presidente do Instituto Antropos do Brasil, padre José Vicente César, revelou ontem sua preocupação com a possibilidade de a decisão do governo, de afastar todos os estrangeiros que desenvolvem projetos junto a comunidades indígenas nas áreas de segurança, vir a atingir os vários missionários de outros países que trabalham nessas regiões, especialmente na Amazônia.

O padre César — que já foi presidente do Cimi, Conselho Indigenista Missionário — disse, no entanto, que é contra a entrega da chefia dos programas desenvolvidos nessas áreas a estrangeiros, embora concorde com sua participação nos trabalhos de pesquisa e assistência às comunidades tribais. Segundo o missionário, “realmente muitos estudiosos estrangeiros têm contribuído para a causa indígena, mas outros só querem criticar”.

“Em 1970 — prossegue o padre César —, depois de ter chefiado, em nome do governo brasileiro, uma missão da Cruz Vermelha Internacional que visitou diversas áreas indígenas da Amazônia, adverti as autoridades brasileiras para a necessidade de se investigar melhor

mandos”) seguiam à frente dos grupos de trabalho, armados de metralhadoras, “matando indiscriminadamente tudo o que se mexesse atrás das árvores”. Segundo a reportagem, aldeias inteiras foram arrasadas com napalm.

“Em julho de 1964 — continua o padre — uma revista brasileira publicou fascinante reportagem ilustrada sobre os famosos alpinistas tirolezes que, depois de terem escalado o Pão de Açúcar, foram visitar os índios do Xingu. Agora, o chefe dessa expedição publicou um livro na Europa, muito diferente das oito páginas ilustradas publicadas no Brasil sobre sua aventura na selva. Seu título é “Indianer Du Musst Sterben” — índio, tu deves morrer. — e ele dá a medida do seu conteúdo. Parece que o presidente Geisel, que lê alemão, já tem o livro.”

Na opinião do ex-presidente do Cimi, 1976 será um ano difícil para a Funai. À parte a fantasia divulgada no Exterior sobre o assunto, “em julho, haverá em Brasília a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, ocasião em que o problema indígena virá a tona num palco de mais de 10 mil cientistas. Depois, em Paris, será realizado um congresso nacional de americanistas, onde certamente serão denunciados os verdadeiros erros da desastrosa política indigenista brasileira”.

O secretário do Conselho Indigenista Missionário - Cimi -, padre Antonio Iasi Júnior, disse ontem, antes de seguir para Goiânia, onde prepara um curso de atualização dos missionários que atuam na área indígena, a ser realizado em junho próximo, que a linha de ação agressiva da entidade deve continuar, pois ela conta com apoio de leigos e religiosos, além da cúpula da igreja.

O padre acrescentou que “a Funai só trabalha em benefício dos índios quando o Cimi pisa em seu calcanhar”, lembrando que por causa da política agressiva desenvolvida pela entidade foi proibido, em novembro passado, de visitar qualquer área indígena, através de circular distribuída pela Fundação Nacional do Índio.

— A circular só contém meu nome e o de outro companheiro, mas a proibição, de maneira mais velada, estende-se a todos os integrantes do Cimi.

Jornal de Brasília
Ao julgar absurda a proibição da Funai, o secretário do Cimi diz que os 60 missionários que atuam nas prelaças da Amazônia brasileira precisam manter um contato constante com os índios “para tentar chegar primeiro a eles do que os trabalhadores de estrada, procurando evitar a destruição total de sua cultura e de suas tradições”.

O vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário, padre Thomas de Aquino Lisboa, visita constantemente os índios, apesar da proibição da Funai, segundo o padre Antonio Iasi.

— Jamais a Funai vai conseguir proibir nossa atuação junto aos índios. Não há razão para isso, pois nós apenas defendemos o índio dos males cometidos pelos brancos, cada vez em maior número, nas suas terras.

Na próxima reunião do Cimi, provavelmente em Minas Gerais, abrangendo os estados do Espírito Santo e Bahia, o padre Antônio Iasi pretende

2-5-76
falar da proibição imposta pela Funai. “Tocarei no assunto só para esclarecê-lo em definitivo, não que a proibição me impeça diretamente, pois se deixo de visitar um ou outro posto indígena é apenas para não prejudicar o seu encarregado, e não por respeitar a circular da Funai”.

ESCOLAS INDÍGENAS

Para elaborar um calendário escolar indígena e montar o currículo das escolas bilíngues da Funai, encontram-se reunidos em Brasília, até o próximo dia 13 de fevereiro, 42 monitores bilíngues dos grupos Kaingang, Karajá, Guajajara e Xavante.

O I Encontro de Monitores Bilíngues, que vem sendo realizado na sede do Summer Institute of Linguistics, visa, também, proporcionar o intercâmbio de conhecimentos e o conagração entre os monitores bilíngues que atuam nas diversas comunidades indígenas do País.